

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA GRAU LICENCIATURA

RAFAEL ALVES MELO

**A PRÁTICA DO RAPEL NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DISCIPLINA ESPORTES
COMPLEMENTARES**

UBERLÂNDIA
2025

RAFAEL ALVES MELO

**A PRÁTICA DO RAPEL NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DISCIPLINA ESPORTES
COMPLEMENTARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Educação Física grau Licenciatura da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito obrigatório para a conclusão da disciplina TCC 2.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado

UBERLÂNDIA
2025

RAFAEL ALVES MELO

**A PRÁTICA DO RAPEL NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DISCIPLINA ESPORTES COMPLEMENTARES**

Data: 18/09/2025

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado
ao curso de Educação Física grau Licenciatura da
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU)
como requisito obrigatório para a conclusão da
disciplina TCC 2.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Matias do Prado (FAEFI/UFU)
Presidente

Profa. Dra. Sônia Bertoni (FAEFI/UFU)
Membro interno

Prof. Dr. Bruno Gonzaga Teodoro (ESEBA/UFU)
Membro externo

Dedico este trabalho aos meus pais, que, com sonhos interrompidos, me ensinaram a sonhar mais alto e me deram asas para chegar aonde eles não puderam.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Ao professor orientador Vagner Matias do Prado, que durante esse tempo me acompanhou pontualmente, dando o auxílio necessário para elaboração do projeto.

À Profa. Dra. Sônia Bertoni, membro da Banca de Defesa, que disponibilizou seu valioso tempo para avaliar meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Bruno Gonzaga Teodoro, também membro da banca de avaliação que me agraciou com sua presença e conhecimento nesta defesa.

Aos meus pais, Lilian e Josevaldo, que me apoiaram incondicionalmente durante toda minha trajetória.

E a minha namorada, Ágatha, que me amparou nos momentos difíceis.

*“O movimento humano é expressão de cultura,
história e identidade”*

(Jocimar Daolio)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	14
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
6 REFERÊNCIAS.....	23

A prática do Rapel na formação inicial em Educação Física: relato de experiência sobre a disciplina Esportes Complementares

Rafael Alves Melo¹
Vagner Matias do Prado²

Resumo

Este trabalho aborda experiências vivenciadas na prática do rapel durante um curso inicial de formação de professores. Tem como objetivo refletir sobre a prática do Rapel durante a formação inicial em Educação Física e apresentar a modalidade como possibilidade de conteúdo para a Educação Física Escolar. Utilizou-se o método de relato de experiência com abordagem qualitativa, baseado na vivência de aulas práticas durante o curso da disciplina optativa Esportes Complementares a partir de uma reflexão crítica. A experiência mostrou-se eficaz na promoção do desenvolvimento de habilidades corporais, autoconfiança e senso de segurança dos estudantes de graduação, além de estimular o pensamento crítico sobre as possibilidades de inserção do esporte no currículo escolar. Além disso, a experiência fomentou a autonomia, a coragem e o sentimento de pertencimento dos/as estudantes diante os desafios emocionais e físicos, contribuindo para o desenvolvimento de uma corporal de movimento mais ampla e inclusiva.

Palavras-chave: Educação Física; Cultura Corporal de Movimento; Prática do Rapel;

The practice of rappelling in initial physical education training: experience report on the Complementary Sports discipline
Abstract

ABSTRACT: This paper addresses experiences gained in the practice of rappelling during an initial teacher training course. Its objective is to reflect on the practice of rappelling during initial training in Physical Education and to present the modality as a possible content for School Physical Education. The experience report method was used with a qualitative approach, based on the experience of practical classes during the elective course Complementary Sports, starting from a critical reflection. The experience proved effective in promoting the development of physical skills, self-confidence, and a sense of security among undergraduate students, in addition to stimulating critical thinking about the possibilities of including the sport in the school curriculum. In addition, the experience

¹ Discente do curso de Educação Física grau Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do GPESP – Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades. E-mail: rafamelo792@ufu.br

² Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do GPESP – Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades.

fostered autonomy, courage, and a sense of belonging among students in the face of emotional and physical challenges, contributing to the development of a broader and more inclusive body of movement.

Keywords: Physical Education; Body Culture of Movement; Rappelling Practice; Initial Training.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tem como objetivo refletir sobre a prática do Rapel durante a formação inicial em Educação Física e apresentar a modalidade como possibilidade de conteúdo para a Educação Física Escolar. Integra as discussões do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades (GPESP) cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A vivência foi possibilitada durante as aulas da disciplina “Esportes Complementares” (EC), componente curricular optativo do curso de Educação Física grau Licenciatura (EFL) da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU). Que teve como finalidade introduzir aspectos diferenciados sobre modalidades esportivas não contempladas no currículo da graduação ou que viessem a contemplar os estudos realizados no curso (Faep, 2018).

A duração da mesma se estendeu de dezembro de 2024 a maio de 2025, contemplando as atividades didáticas referentes ao segundo semestre do ano de 2024. Cabe destacar que, por conta da pandemia de Covid-19, o calendário acadêmico da UFU se encontrava em descompasso com o calendário civil.

A justificava deste trabalho, redigido no gênero textual relato de experiência, se assenta na necessidade de aquisição de conhecimentos que contribuam para diversificar os conteúdos das aulas de Educação Física na educação básica. Tal diversificação pode favorecer a construção de representações positivas sobre a prática do esporte na escola, bem como, potencializar a participação de estudantes nos diferentes momentos para a inserção e ampliação dos/as mesmos/as na Cultura Corporal de Movimento (CCM).

O método do relato de experiência utiliza abordagem histórico-bibliográfica para apresentar a história do Rapel, o desenvolvimento da modalidade e sua inserção e popularização no Brasil. O relato também potencializa o exercício crítico e reflexivo, por parte do discente, no que se refere a elaboração e apropriação do conhecimento, permitindo uma reflexão sobre sua aplicação em realidades concretas.

Desta maneira, após esta breve introdução com a explicitação do objetivo da proposta, apresentam-se aspectos da criação do Rapel como prática corporal e seu desenvolvimento na condição de esporte que pode ser problematizado em aulas de EF na escola. Na sequência

explicitam-se detalhes da caracterização metodológica utilizada para redação do relato de experiência, seguido dos resultados e discussão possibilitados por meio da fundamentação teórica. Por fim, são socializadas com o e a leitora as considerações finais e as referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente existem diversos termos utilizados para se referir ao fenômeno aventura e seus desdobramentos. Dentre eles estão esportes radicais, turismo de aventura, esporte de aventura, turismo esportivo, esporte na natureza e outros (TRIANI; TELLES, 2019). Práticas corporais que estabelecem a conexão do sujeito com a natureza e que permitam desafiar limites com a utilização de recursos de segurança, tal como o Rapel, podem ser caracterizadas como modalidades ou “esportes” de aventura.

Para além da compreensão da prática corporal do Rapel, é preciso conhecer seu surgimento e desenvolvimento no decorrer do tempo histórico. Dessa forma, o nível de ousadia nas ações de um indivíduo pode ser interpretado como uma manifestação da liberdade que ele experimenta, conforme apontado por Bernstein (1997) apud Paixão; Silva, (2017) .

Segundo registros, o Rapel foi criado na França em 1879 como uma técnica do alpinismo, impulsionado pelo "Código de Ética do Livre" (CORNELOUP, 1993 apud COSTA, 2004, p. 3). Nesse sentido, foram os alpinistas que criaram e divulgaram as regras iniciais do Rapel.

De acordo com Xavier; Bellido e Almeida (2013, p. 1):

Rapel (em francês: rappel) é uma atividade vertical praticada com uso de cordas e equipamentos adequados para a descida de paredões e vãos livres bem como outras edificações. Trata-se de um esporte criado a partir das técnicas do alpinismo o que significa que requer preocupação com a segurança do praticante.

O Rapel pode ser considerado uma modalidade de aventura. O risco e as fortes emoções, como eixos norteadores nas perspectivas do lazer e da competição, são características inerentes destas atividades (Paixão *et al.* 2011). De acordo com Paixão e Silva (2017), os instrutores de esporte de aventura reconhecem o risco como elemento inerente à prática do Rapel, adotando estratégias para controlá-lo e minimizá-lo.

As práticas corporais de aventura, muitas vezes, estão associadas a uma sensação de liberdade e a uma forma de rompimento das amarras sociais. Segundo Beck (1992), pode ser

percebido como um movimento moderno que associa condutas de risco e uma forma de resistência a um sistema fundamentado pela cultura do consumo e pelo controle do tempo.

Em relação a popularização do Rapel no Brasil, poucos foram os textos encontrados que mencionavam sobre, durante o levantamento bibliográfico. Contudo, é possível destacar que o Brasil é um país com características geográficas e climáticas propícias para essa prática. Mesmo com uma limitação de textos sobre o Rapel, é possível encontrar propostas para seu ensino.

A prática do Rapel inserida em aulas de Educação Física na educação básica poderia contribuir para a diversificação dos conteúdos, ampliando possibilidades de significação positiva da prática esportiva por parte dos estudantes. Neste sentido, os objetivos propostos para este artigo poderiam ser materializados no chão da escola, pois permite, a partir do momento em que estudantes em formação inicial vivenciem práticas não tradicionais a potencialidade de ensinarem os conteúdos apreendidos para crianças e adolescentes se amplia.

Para Daolio (1995) professores e professoras tendem a inserir conteúdos nas aulas de Educação Física contato com diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Um exemplo, pode ser creditado ao trabalho de Verzola et al. (2017), que defende que as práticas corporais de aventura na educação física infantil podem contribuir para que fizeram parte de suas vivências, tanto como estudantes de graduação como durante suas infâncias e juventude. Nesse sentido, a partir da experimentação de modalidades como o Rapel o futuro professor poderia ampliar seu repertório cultural e pedagógico, diversificando as práticas oferecidas aos alunos, favorecendo experiências corporais significativas e estimulando o

O desenvolvimento de temas como meio ambiente e ética. Temas esses que podem facilitar o ensino dessas práticas que, por si, são um pouco mais difíceis de alcançarem os estudantes por conta de seus equipamentos essenciais e locais próprios para a prática. Uma forma de atingir os estudantes com o conteúdo seria a busca por parcerias com lugares e instituições que poderiam propiciar essa vivência para os/as alunos/as como, por exemplo, o corpo de bombeiros local.

De acordo com Manning (2011), as práticas corporais de aventura são conteúdos importantes para a formação dos estudantes na educação básica, pois abrangem aspectos pessoais, ambientais e socioculturais. Apesar do risco apresentado nas práticas corporais de aventura podemos tornar possível a prática da mesma de forma adaptada para a realidade escolar. Essas práticas podem proporcionar estímulos e emoções nos/as alunos/as, criando assim uma visão de superação de desafios, aspecto importante na formação de cidadãos.

Para Corrêa (2023), durante a formação do professor/a é importante que o indivíduo vivencie as práticas corporais de aventura para que adquira conhecimentos técnicos e possa produzir conhecimentos vivenciais durante o período de formação em EF. É necessário fortificar cada vez mais o entrelaçamento entre o acadêmico/científico e a intervenção, somente desta forma irá se garantir uma prestação de serviço de qualidade.

Nesse sentido, seria interessante com que, durante a formação inicial, futuros professores e professoras da área pudessem ter contato com conteúdo, vivências e discussões sobre atividades físicas relacionadas ao meio ambiente e modalidades consideradas como práticas de aventuras. Tradicionalmente, os currículos de formação inicial de professores/as no campo da Educação Física não contemplam tais discussões (Sombra; Oliveira; Alves, 2023).

Sombra, Oliveira e Alves (2023) problematizaram a oferta de disciplinas sobre modalidades de aventura em 11 Instituições de ensino superior (IES) do Brasil. Os resultados demonstraram que apenas 4 continham componentes curriculares sobre o tema em suas matrizes. Todavia, parte delas ofertavam as disciplinas na modalidade “optativa”.

Com isso, os autores destacam que a ampliação das práticas de aventura na formação de professores é uma oportunidade de diversificar o ensino da Educação Física, conectada com os desafios contemporâneos e com questões socioambientais.

Sombra, Oliveira e Alves (2023) ainda esclarecem que, na atualidade, existe um aumento do interesse social por essas práticas em diferentes âmbitos. Os autores também argumentam que discussões sobre modalidades de aventura foram incorporadas como conteúdo oficial da Educação Física na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir de 2018. Assim, consta na BNCC (BRASIL, 2018, p. 218-219) que nas:

Práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc.

De acordo com Sombra, Oliveira e Alves (2023) uma das vivências mais ricas que um(a) professor(a) pode ter é a experiência de sistematizar sua prática pedagógica. Reforçando a ideia de que é dever do docente abrir os currículos e enriquecer os alunos com conhecimento e a mais diversa produção de conhecimento. Sendo assim, segue mantendo como pilares importantes da Educação Física, a sedução para a busca, o interesse e a curiosidade acerca da EF; A diversidade

para ressaltar as diferentes possibilidades de conteúdos; E a autonomia para entenderem suas capacidades e intervirem com coerência.

No que se refere às aulas de Educação Física na Educação Básica, Corrêa (2023) esclarece que as atividades de aventura seriam potentes para serem inseridas no Ensino Médio. Ao basear reflexões no trabalho de Tahara e Darido (2016 apud Corrêa, 2023, p. 127) defende que as atividades de aventura oferecem novos desafios para os estudantes e contemplam diferentes dimensões da CCM, tornando-se relevante para o trabalho pedagógico da Educação Física.

Para Tahara e Carnicelli Filho (apud Corrêa, 2023, p. 127), as atividades de aventura podem promover “motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física”. Tal fato reverbera em aumento da curiosidade e princípio hedonístico, de prazer, satisfação, a partir dos benefícios que essas práticas podem proporcionar: emoções diferenciadas, partilha com o grupo, ineditismo, liberdade e vivência em atividades vertiginosas com controle, fortalecendo a segurança dos e das estudantes para a prática.

As práticas de aventura não aparecem na literatura acadêmica da área da Educação Física exclusivamente para a propositura de trabalhos com jovens no Ensino Médio. Duek, Francisco e Figueiredo (2020), a partir de um relato de experiência com as práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física Infantil demonstram potencialidades para essa aproximação. O autor e as autoras implementaram, em aulas para crianças pequenas, vivências em atividades de surfe, skate, escalada, Rapel e *parkour*. A partir da experiência, foi possível:

inserir as práticas corporais de aventura na Educação Infantil, como uma forma de inovar os conteúdos tradicionalmente abordados nas aulas de Educação Física, possibilitando às crianças conhecer e experimentar conteúdos diversificados de maneira atraente e prazerosa, despertando nelas o desejo de conhecer e praticar outras modalidades (Duek; Francisco e Figueiredo, 2020, p. 521/522).

Tahara e Filho (2013) afirmam que para ter êxito no processo de aprendizagem das práticas corporais de aventura dentro do âmbito escolar o professor necessita de um mínimo de conhecimento acerca do conteúdo, visando assim uma condição mais apropriada. Situação essa difícil de ser alcançada, uma vez que a grande parte dos profissionais atuantes nas instituições de ensino não tiveram uma formação acadêmica adequada para lecionar especificamente sobre tais práticas. Além disso, algumas práticas de aventura necessitam de equipamentos específicos

e insubstituíveis para própria segurança dos/das praticantes. Mesmo assim, existem possibilidades de atividades a serem feitas com pouco conhecimento específico e equipamentos próprios como, por exemplo, o *trekking*, corrida de orientação e *sandbord*.

Estas atividades podem ser adaptadas para o contexto escolar, e com materiais pedagógicos alternativos confeccionados pelos próprios estudantes. Caminhadas pelo entorno escolar, criação de bussolas e uso de papelão para simulação de pranchas podem ser alternativas viáveis para a realização destas práticas. É relevante enfatizar que ao propor essas atividades é necessário colocar em pauta assuntos como o meio ambiente e a educação ambiental, buscando sempre o equilíbrio e sintonia entre natureza e o ser humano.

As modalidades de aventura apresentam muitas possibilidades para o ensino da EF nas escolas. Além de ampliar a CCM dos/as estudantes permite diversificar os conteúdos comumente ensinados. De acordo com Bracht (2010) isso trata de um indicativo de mudança de sentido e de função para a EF na escola, portanto o objetivo não é mais submeter os alunos/as a atividades físicas para “fortificar os corpos” ou desenvolver habilidades esportivas. Antes, passa a ser sobre inserir aos alunos/as no universo da CCM. A justificativa é que a essa dimensão da cultura corporal de movimento cresce cada dia mais dentro da sociedade.

Visto o referencial apresentado, e ao retomar o foco deste artigo, a prática do Rapel pode ser adaptada como conteúdo de aulas de EF, garantindo sua segurança a partir das características específicas do grupo a ser aplicada, em diferentes etapas e modalidades. A partir da vivência possibilitada pela disciplina EC reflexões sobre a aproximação da modalidade da escola foram potencializadas. Com isso, na próxima seção do texto, descreve-se a experiência na prática do Rapel durante a formação inicial em EFL possibilitada pela FAEFI/UFU.

2 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

O relato de experiência com abordagem qualitativa foi eleito como estratégia metodológica para a escrita deste artigo. Segundo Daltro e Faria (2019, p. 229):

O relato de experiência constitui uma modalidade de produção científica que tem por objetivo compartilhar conhecimentos construídos a partir de experiências concretas vividas pelos sujeitos autores da narrativa. [...] Como produção científica, esse tipo de texto é situado no campo da pesquisa qualitativa e das ciências humanas, sendo considerado legítimo por sua capacidade de produzir saberes a partir da experiência e da reflexão crítica sobre ela.

A partir da perspectiva de produzir conhecimentos por meio da experiência concreta, buscou-se refletir sobre a prática do Rapel, possibilitada durante a formação inicial no curso de Educação Física grau Licenciatura da FAEFI/UFU.

De acordo com o Projeto Pedagógico de Curso em Educação Física grau Licenciatura da FAEFI/UFU o curso tem como objetivo geral:

Formar licenciados/as capazes de formular, implementar, gerir e avaliar criticamente planos, projetos, programas e políticas destinados às práticas da gestão educacional e da Educação Física por meio do tratamento filosófico, científico e político-pedagógico das questões educacionais e das manifestações socioculturais denominadas estimulação desenvolvimental, brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes e lutas (FAEFI, 2018, p. 42, apud, 2025).

Ainda, segundo FAEFI (2018), o curso tem uma carga horária total de 3215 horas, sendo divididas em 7 blocos curriculares, sendo eles: Disciplinas Obrigatórias, Disciplinas Optativas Gerais, Disciplinas Optativas da Licenciatura, Estágio Supervisionado, Prática como Componente Curricular, Trabalho de Conclusão de Curso e Atividades Acadêmicas Complementares. A disciplina de Esportes Complementares (EC) se encaixa no componente de Disciplina Optativa, no qual é necessário, para a formação, a contabilização de 120 horas.

O componente EC se trata de uma disciplina optativa da habilitação em licenciatura. Tem como carga horária total 60 horas, sendo divididos em 15 horas com conteúdo teórico e 45 horas como parte prática. Foi ofertada às terças-feiras, das 8:00 às 11:30 horas, de dezembro de 2024 a maio de 2025³. Matricularam-se no componente curricular 34 estudantes, de ambos os gêneros, com média de idade de 22 anos.

A disciplina optativa de Esportes Complementares (EC) ofereceu aos estudantes de Educação Física a oportunidade de vivenciar certa diversidade de modalidades esportivas que não estão listadas como componente curricular obrigatório. Segundo o Plano de Ensino da disciplina apresentado pelo docente no primeiro dia de aula e aprovado coletivamente (FAEFI, 2025, p. 2), foram apresentados aos estudantes as seguintes modalidades: Rapel, Escalada, *Breaking*, Modalidades de areia (Futevôlei), Capoeira, Jiu-Jitsu⁴, Rugby e Natação. As aulas contaram com a colaboração de especialistas e algumas vivências foram experienciadas em espaços para a prática de atividades físicas fora do *campus* da FAEFI/UFU.

³ Como o calendário acadêmico da UFU se encontra em desacordo com o calendário civil, a disciplina ofertada integrou o segundo semestre acadêmico do ano de 2024.

⁴ Apesar de constar no Plano de Ensino da disciplina EC, não foi possível a prática da modalidade por falta de parceria, sendo assim, realizado apenas o estudo teórico sobre a modalidade.

Como um dos recursos didáticos utilizados para apropriação da fundamentação teórica acerca das modalidades apresentadas, os e as graduandas matriculadas na disciplina EC foram separados em grupos de 4 ou 5 discentes. Cada grupo ficou responsável por elaborar uma apresentação sobre uma das modalidades esportivas contidas do plano de ensino. Com isso, cada grupo explicitava para a turma quais os pontos mais interessantes e importantes do artigo lido, socializando informações conceituais e possibilidades de inserção das atividades em aulas de Educação Física na educação básica.

Posteriormente às apresentações, sempre em sala de aula, as e os estudantes eram encaminhados para as vivências. Estas, muitas das vezes, era possibilitada através de parcerias entre o docente e pessoas ou instituições que exerciam as práticas, como forma de sempre ter o respaldo de um profissional especialista da área.

A prática do Rapel, foco deste relato de experiência, foi realizada em fevereiro de 2025 nas instalações do 5º Batalhão de Bombeiros Militar do município de Uberlândia-MG. A escolha do local para a prática foi motivada pelas parcerias anteriormente estabelecidas entre o docente com a corporação e devido a sede contar com uma parede de escalada e uma torre para vivência do Rapel. Ainda possibilitou a utilização de equipamentos de segurança para a prática, como por exemplo: capacete, freio 8 (freio oite), mosquetões, cordas, luvas, cadeira de segurança e fitas (figura 2).

Figura 1: Parede de Escalada e Torre para a prática do Rapel do 5º Batalhão de Bombeiros Civis de Uberlândia-MG



Fonte: acervo da disciplina, 2025.

Figura 2: Equipamentos para a prática



Fonte: acervo da disciplina, 2025.

O professor responsável pela disciplina na FAEFI/UFU contactou previamente a instituição, a fim de obter um conhecimento prévio de como poderia ser a vivência e formalizar a parceria. A partir disso foi estabelecido uma divisão dos/as alunos/as para garantir a segurança e o aprendizado.

Participaram das atividades um grupo de 34 alunos, matriculados na disciplina de Esportes Complementares. Com a finalidade de maximizar a vivência, os/as estudantes foram divididos em dois grupos de 17 pessoas, sendo que foram alocadas duas datas junto ao Batalhão de Bombeiros para a realização da prática e manutenção da segurança dos e das envolvidas: dias 04 e 11 de fevereiro de 2025.

Antes do início da vivência, o tenente responsável pela mediação, junto com sua equipe, ministrou uma pequena palestra sobre o Rapel e a Escalada. Em seguida, foram apresentados os equipamentos essenciais para a prática e, com a ajuda dos palestrantes, os discentes foram equipados e informados de como utilizar cada item. Após estarem equipados adequadamente para realizar as atividades, o grupo de 20 pessoas foi novamente dividido, sendo 10 discentes para a realização da Escalada e 10 para execução do Rapel. Sempre em menores números, já que segurança é essencial nesse meio. Após um período para a experimentação, as turmas trocaram de vivência, experimentando, ao final, as duas modalidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da vivência possibilitada durante a disciplina EC, e ao refletir sobre a prática do Rapel durante a formação inicial em Educação Física, me animei⁵ com a proposta do plano de ensino e, a partir da teoria e imaginação fiquei muito empolgado muito com a ideia. Sempre pareceu ser muito seguro nas aulas teóricas sobre o Rapel, e por se tratar de uma atividade pouco usual e que a maioria dos colegas também nunca tiveram o contato, foi algo muito aguardado, pela curiosidade da experimentação, acredito que meu sentimento era de ansiedade para vivenciar algo novo.

Nesse sentido, Almeida e Fensterseifer (2011) problematizam o papel da experiência para aquisição de novos conhecimentos sobre as práticas corporais. Para os autores “A experiência sempre acontece em perspectiva própria e é aqui entendida como algo que se deve “provar” (no sentido de experienciar), através da relação com algo que se quer compreender, e não como algo que se deva “explicar” para o outro, no sentido de simples descrição” (Almeida; Fensterseifer, 2011, p. 250-251). Nesse sentido, a partir das experimentações e dos sentimentos por elas desencadeados é possível produzir um, saber diferente que pode contribuir para a prática docente. O “saber da experiência” permite inovar, criar e implementar novas possibilidades tanto para práticas corporais como para a aquisição de conhecimento sobre o “fazer?” da prática.

Como a experiência também possibilita inovar, a vivência possibilitada na disciplina de EC potencializa, em um fazer profissional futuro como professor de Educação Física na educação básica, incluir a possibilidade da prática do Rapel como conteúdo das aulas de Educação Física na escola. Essa diversificação de conteúdos também poderia contribuir para propor discussões sobre a relação de esportes de aventura para com o meio ambiente.

Como explorado por Verzola et al. (2017) as modalidades de aventura nas aulas de Educação Física escolar podem contribuir para a inserção de temas que permitem relacionar as práticas corporais e a CCM com questões ambientais e éticas para uma relação harmoniosa entre sujeito e natureza. Para Manning (2011), tais possibilidades poderiam, inclusive, contribuir para o enfrentamento de quadros de depressão e ansiedade por ocasionar estímulos e diferentes emoções nos alunos.

Retomando a experiência possibilitada pela prática do Rapel no 5º Batalhão de Bombeiros Civil do município de Uberlândia, na chegada ao local da prática, um lugar muito simbólico,

⁵ Em uma perspectiva pós-estruturalista, a partir deste trecho do texto, redigirei em primeira pessoa por se tratar de percepções subjetivas produzidas a partir de minha vivência na prática do Rapel.

com toda sua história e significado para a comunidade, aumentou a expectativa para praticar a modalidade. Enquanto caminhava pelos corredores do batalhão e observava a história daquele local através de fotos nas paredes e objetos nas estantes pude me certificar de que seria um local seguro com profissionais bem treinados para executar aquela função.

Esse sentimento permite refletir sobre a contextualização histórica, social e cultural das práticas corporais e suas relações com os espaços urbanos. Darido (2011), ao discutir a necessidade de trabalhar os conteúdos da Educação Física escolar a partir das diferentes dimensões dos conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal) defendem a necessidade de possibilitar aos estudantes conhecimentos que extrapolem o “saber fazer” técnico. Aprender a dimensão motora de uma prática é importante, todavia, conhecer sua histórica, sua origem, as relações que estabelecem com o contexto sociocultural de determinado tempo e espaço também são importantes vertentes para o aprendizado. Em minha experiência na disciplina, a historicidade e os significados do local da prática contribuem para com as expectativas e motivação para a vivência do Rapel.

No início da prática do Rapel no Batalhão, logo quando começou a palestra de instruções de segurança proferida pelo tenente que nos recebeu, pude ter certeza que não teria nenhum risco. Com a ajuda dos instrutores para vestir o equipamento e saber qual a função de cada equipamento para com a nossa segurança, me senti totalmente apto a praticar o Rapel.

Paixão e Silva (2017) discutem que ao visar a segurança durante a prática do Rapel, o praticante deve se atentar a uma série de competências, que garanta a sua integridade, tais como: Domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade, conhecimento e emprego dos equipamentos de segurança. Por este motivo, ao praticar uma nova atividade, urge a necessidade de instrução e informação aos praticantes com pessoas que dominem e tenham propriedade para falar e/ou ensinar sobre determinadas modalidades/conteúdos. Com isso, o senso de segurança pode ser construído.

Comecei a experimentação do Rapel, e assim que subimos as escadas da torre aquele medo voltou à tona, descobri que tinha medo de altura nesse momento, sentimento que passou consideravelmente rápido após observar a prática dos colegas e comandos do tenente responsável pela atividade. Já na escalada foi um pouco mais fácil para mim, pois o ponto de partida era o solo. Exigindo muito de força, coordenação motora e técnica para superar os obstáculos e avançar na parede de escalada. Assim que cheguei no topo da parede e olhei para baixo para poder descer da forma indicada pelo instrutor, senti uma sensação de calafrio em me soltar dos obstáculos e confiar em quem estava em baixo controlando a situação.

Segundo Caron, Antoninho e Faria (2013, p. 33) “a postura do professor frente ao aprendizado e aos medos da criança influenciaria a relação de ambos, tornando-a mais ou menos conflituosa”. Seguindo esse pensamento, podemos afirmar que a confiança entre o discente e o docente é importante para que a prática possa ser executada sem incertezas. A relação entre essas partes tem de ser amistosa, respeitando o limite do profissional.

Ao fim da prática, pude concluir que dentro das medidas de segurança e com pessoas especialistas e com experiência na área é uma atividade muito segura e que te causa um sentimento de adrenalina. O risco controlado te expõe a uma sensação de liberdade.

Neste sentido, a experiência adquirida durante a formação inicial no que se refere ao aprendizado de modalidades esportivas pode contribuir com uma maior vivência, tanto para o aluno quanto para o professor, aumentando assim, as possibilidades de intervenções pedagógicas e aprendizado variado.

De acordo com Tardif (2014) a experiência docente é fundamental para o estabelecimento de uma relação de confiança entre professor/a e aluno/a, sendo construída ao longo do tempo, através da vivência no cotidiano educativo. Assim, a experiência não contribui somente para o fortalecimento dos conteúdos aprendidos durante a graduação, mas também permite analisar hipóteses e possibilidades do processo de formação, promovendo assim uma formação contínua e consciente.

A experiência do professor, ao ter contato com diversas manifestações da cultura corporal de movimento, pode contribuir de forma significativa para a diversificação das aulas de Educação Física. Ao vivenciar modalidades pouco exploradas durante a formação, o docente amplia seu repertório pedagógico, possibilitando assim a proposta de atividades pouco usuais. Nesse sentido, Darido (2011) destaca que o professor precisa assumir o compromisso de oferecer aos/as alunos/as uma gama de conteúdos, garantindo uma formação completa e ampla.

O Rapel é uma prática pouco explorada por professores e pouco vivenciadas por alunos na Educação Física Escolar. Pensando nisso Silva *et al.* (2016) discute que a inclusão do Rapel na escola deve seguir uma abordagem pedagógica que priorize a segurança, o desenvolvimento motor e a interdisciplinaridade, promovendo a formação crítica e reflexiva dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou uma reflexão sobre a prática do Rapel na formação inicial de estudantes de Educação Física, evidenciando suas potencialidades para enriquecer a diversidade

de conteúdos pedagógicos e aumentar as possibilidades de ensino na escola. A vivência do esporte, junto com fundamentação teórica e a experiência prática, provou ser uma estratégia útil para promover a aquisição de competências técnicas, cognitivas e socioemocionais dos/as profissionais futuros/as.

A realização da prática em parceria com instituições especializadas, como o 5º Batalhão de Bombeiros Militar de Uberlândia, reforçou a importância da articulação entre teoria e prática, impulsionando, assim um maior, respaldo técnico aos alunos.

A experiência mostrou-se eficaz na promoção do desenvolvimento de habilidades corporais, autoconfiança e senso de segurança dos estudantes, além de estimular o pensamento crítico sobre as possibilidades de inserção do esporte no currículo escolar. Além disso, a experiência fomentou a autonomia, a coragem e o sentimento de pertencimento dos/as estudantes diante os desafios emocionais e físicos, contribuindo para o desenvolvimento de uma CCM mais ampla e inclusiva. A parceria com instituições especializadas proporcionou um ambiente seguro e estruturado para a realização das atividades práticas, reforçando a importância de uma abordagem integrada entre alunos/as e profissionais do setor.

No que se refere a formação de futuros/as professores/as de Educação Física para a atuação na educação básica, o estudo permitiu problematizar a importância de ampliação das experiências motoras, no que se refere às diferentes modalidades esportivas, durante a formação inicial na habilitação Licenciatura. É possível que futuros/as professores/as que vivenciaram uma CCM mais abrangente, antes, durante e depois do curso de graduação, tenham mais possibilidades pedagógicas para a diversificação do currículo, enriquecendo e ampliando a formação e aprendizado de seus/suas alunos/alunas.

Por outro lado, as dificuldades que podem ser enfrentadas para a inserção de uma modalidade de aventura na EF escolar, tais como, a limitação de parcerias em alguns momentos, necessitam de parcerias para garantir a realização de atividades práticas essências à formação.

É possível afirmar que a inserção do rapel nas aulas de Educação Física é viável e potencialmente benéfica, desde que sejam consideradas as condições adequadas de segurança e parcerias com instituições especializadas. Apesar das limitações relacionadas à disponibilidade de equipamentos e de parcerias, o estudo demonstra que, com o respaldo de profissionais qualificados e em locais apropriados, como estruturas de escalada ou torres de rapel, essa atividade pode ser incorporada ao currículo escolar.

Este estudo é de grande importância para a Educação Física escolar, pois amplia o entendimento sobre a inclusão de práticas corporais de aventura, como o Rapel, no currículo. Ele defende a diversificação dos conteúdos esportivos nas aulas, possibilitando experiências que vão além do ensino tradicional ao promover uma formação de estudantes mais participativa, motivada e consciente sobre temas como meio ambiente, ética e segurança.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciano de; FENESTSEIFER, Paulo Evaldo. O lugar da experiência no âmbito da Educação Física. **Revista Ensina**. Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 247-263, out/dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/download/20918/14891/97413>. Acesso em: 20 de agosto de 2025. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.20918>
- BECK, U. **Risk society: towards a new modernity**. London, EUA. ed. 1st, Sage Plublications, 1992.
- BRACH, Valter. **A Educação Física no Ensino Fundamental: de atividade física à cultura corporal de movimento**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010. p. 1-14.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CARON, Ana Paula Freiberger; CARON, Antoninho; FARIA, José Henrique de. Relação de confiança entre aluno e professor na aprendizagem. **PsicoFAE**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 27-34, 2013.
- CORRÊA, E. A. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. **Revista de Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2023. <https://doi.org/10.24979/r7frve30>
- COSTA, Cris de S. C. Formação profissional no Esporte Escolar. **Centro Esportivo Virtual**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://cev.org.br/media/biblioteca/4018715.pdf>> . Acesso em: 04 jul. 2025.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. DOI: 10.12957/epp.2019.43015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 01 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, 1º ed. Papirus, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: _____. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 21-33. ISBN 978-85-7983-235-2.
- DUEK, Viviane Preichardt; FRANCISCO, Filipe Botelho; FIGUEIREDO, Juliana de Paula. PRÁTICAS CORPORais DE AVENTURA NAS DIMENSÕES DO CONTEÚDO: EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 37, p. 508–524, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i37.4755. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/4755>. Acesso em: 25 jul. 2025. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.4755>

MANNING, Robert E. **Studies in outdoor recreation: search and research for satisfaction.** Corvallis, EUA: Oregon State University Press, 2011. <https://doi.org/10.1353/book1583>

PAIXÃO, Jairo Antônio *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Revista Psico. Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, 23(2), 415-425; 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326470023.pdf>> . Acesso em: 07 Ago. 2025. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200023>

PAIXÃO, J. A., & Silva, M. P. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. **Psicologia & Sociedade, SciELO - Scientific Electronic Library Online**, São Paulo, 29, e149927, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29149927> Acesso em: 07 Ago. 2025. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29149927>

SILVA, Bruno Allan Teixeira *et al.* Atividades e Esportes de Aventura na formação inicial de professores de Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 69-80, n.1 mar.2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2207/1199> Acesso em: 02 Jul. 2025.

SOMBRA, Fernanda Leocadio Bitencourt; OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva de; ALVES, Marcelo Paraiso. Práticas de aventura e a formação de professores de educação física: possíveis diálogos. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 30, n. Contínua, p. e028, 2023. DOI: [10.14393/ER-v30a2023-28](https://doi.org/10.14393/ER-v30a2023-28). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/69954>. Acesso em: 29 jul. 2025. <https://doi.org/10.14393/ER-v30a2023-28>

TAHARA, Alexander Klein; FILHO, Sandro Carnicelli. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivo de Ciências do Esporte**, v.1, n.1, p.60-66, 2013. Disponível em: <<http://www.ufsm.edu.br/aces>>. Acesso em: 07 ago. 2025

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v17i2.0010>

TRIANI, F. S.; TELLES, S. C. C. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.10, n.30, p. 246-267, 2019. <https://doi.org/10.26514/inter.v10i30.3946>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Educação física e Fisioterapia. **Plano de ensino da disciplina Esportes Complementares**. Uberlândia: FAEFI, 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Educação física e Fisioterapia. **Projeto Pedagógico do Curso De Graduação Em Educação Física - Grau Licenciatura**. Uberlândia: FAEFI, 2018.

VERZOLA, Leonardo Oliveira Campos; et al. **AVENTURAS NA ESCOLA:** uma proposta pedagógica com as práticas corporais de aventura na educação física infantil. Goiânia, Ano de publicação 2017, p. 1-3. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

XAVIER, Eduardo Mosna; BELLIDO, Nicole Franco; ALMEIDA, Marco . Rapel vertical para cadeirantes: uma proposta de intervenção. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, ano 18, n. 180, maio 2013. Disponível em:

<<https://www.efdeportes.com/efd180/rapel-vertical-para-cadeirantes.htm>> Acesso em: 19 ago. 2025.

XAVIER, E. M. et al. Os reflexos das diferenças sexuais na prática de esportes de aventura com adolescentes: estudo de caso com rapel. **EFDeportes Revista Digital**. Buenos Aires, ano 17, n. 167, abril 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd167/esportes-de-aventura-com-adolescentes-rapel.htm>. Acesso em: 20 jul. 2025.